

FEMMES EN NÉGRITUDE: INTELECTUAIS NEGRAS SILENCIADAS

*FEMMES IN NÉGRITUDE:
INTELLECTUAL BLACK SILENCED*

*FEMMES EN NÉGRITUDE:
INTELLECTUELS NOIRS REDUITS AU SILENCE*

Rosânia Oliveira do Nascimento

Ciências Sociais (Habilitação em Antropologia), UnB.

rosaniaoliveira01@gmail.com

Resumo: Este ensaio busca analisar as contribuições das intelectuais negras dentro do círculo do Movimento Négritude. Desse modo, debruçamos sobre as agências, bem como, procuramos entender como se deu o processo de silenciamento das vozes femininas, sobretudo da martinicana Suzanne Roussi-Césaire, dentro do movimento que ficou conhecido pelo nome dos “pais” da négritude, o martinicano Aimé Césaire e o senegalês, Léopold Sédar Senghor. O artigo está pautado nas discussões da marfinense Tanella Boni (2014) e da norte-americana, Sharpley-Whitting (2000), é inédito no Brasil, pois as traduções para o português dos textos da négritude e as discussões do hall dos estudos culturais, pós-coloniais e da decolonialidade, têm fundamentado apenas uma genealogia masculina.

Palavras-Chave: *Négritude*, intelectuais negras, Suzanne Roussi-Césaire, Caribe

Abstract: This article analyzes the contributions of black intellectuals within the circle of the Movement Négritude. In this way, we look at the agencies as well as try to understand how the process of silencing of women’s voices, especially the martinique Suzanne Roussi-Césaire, within the movement that became known by the name of the “fathers” of négritude, martinique Aimé Césaire and the senegalese, Léopold Sédar Senghor. The article is based on the discussions of the ivorian Tanella Boni (2014) and the north-american, Sharpley-Whitting (2000), is unpublished in Brazil, since the portuguese translations of the texts of négritude and the discussions of the hall of cultural studies, postcolonial and decoloniality, have based only a masculine genealogy.

Keywords: *Négritude*, black intellectuals, Suzanne Roussi-Césaire, Caribbean.

Résumé: Cet article vise à analyser les contributions des intellectuels noirs dans le cercle de Mouvement Négritude. Ainsi, travaillé par les agences, essayer de comprendre comment était le processus d’extinction de la voix des femmes, en particulier la martiniquaise Suzanne Roussi-Césaire, dans le mouvement qui est devenu connu sous le nom des «pères» de la Négritude, le Martiniquais Aimé Césaire et les sénégalais, Léopold Sédar Senghor. L’article est basé dans les discussions de la ivoirienne Tanella Boni (2014) et américaine, Sharpley-

Whitting (2000), il est sans précédent au Brésil, pour les traductions en portugais des textes de la Négritude et des discussions de la salle des études culturelles, postcolonial et Decoloniality ont fondé juste une généalogie au masculin.

Mots-clés: *Négritude*, intellectuels noirs, Suzanne Roussi-Césaire, Caraïbes.

INTRODUÇÃO

Este artigo parte das nossas reflexões¹ sobre a importância das intelectuais da Diáspora Negra para entender a tessitura do Movimento *Négritude*, inaugurado por um círculo de autores pan-africanistas, sobremaneira, advindos da tradição francófona, como Frantz Fanon,² Aimé Césaire e Léopold Sédar Senghor, os dois primeiros, martinicanos e este último, senegalês. Nossas indagações estão no limiar das reverberações recentes do discurso dos estudos culturais e, principalmente, das proposições dos estudos coloniais e diaspóricos.

Quando ousamos em pensar nas mulheres por detrás da figura de esposa, companheira, colega ou mãe dos autores da *Négritude*, não lográvamos enfrentar os percalços dos calabouços da vida íntima de alguns deles, ou ainda, a dificuldade em acessar referências produzidas em língua vernácula ou obras e escritos traduzidos para o Brasil. Ademais, vale notar dois pontos cruciais para o desdobramento da nossa proposta: o título deste artigo faz menção ao texto escrito por Tanella Boni (2014), intitulado “Femmes en Négritude”, no qual a escritora dedica a análise de duas importantes pensadoras da Martinica, contemporâneas dos “país” do movimento, Suzanne Roussi-Césaire e Paulette Nardal e, de um texto da revista *Creoleways* (2015), sobre Josie Dublé-Fanon, a esposa de Frantz Fanon, como sugerido no subtítulo: “mulher da qual não falamos”.

Outro eixo norteador das nossas reflexões é pensar na categoria Gênero e Raça para além das presunções hegemônicas e acadêmicas, como desvelado pela nigeriana Oyèrónké Oyewùmí (2000; 2004), além das análises tecidas no ensaio da marfinense, Tanella Boni (2008). Quando Soujourner Truth, no seu discurso proferido na *Women's Rights Convention*, em 1851,³ indagou sobre os privilégios das mulheres brancas no Estados Unidos, ainda no

1 Este artigo resulta também das reflexões advindas dos encontros do componente curricular “Filosofia Africana”, ministrada pelo Prof. Wanderson Flor Nascimento, na Universidade de Brasília, assim como, de outros encontros ocorridos recentemente no Grupo de Estudos do Projeto PIBIC, que versa sobre o Achille Mbembe, orientado pelo historiador Leandro Bulhões.

2 Aqui vale fazermos uma breve distinção do pensamento de Frantz Fanon, considerado como um pan-africanista, dos demais intelectuais negros tratados como pertencentes ao Movimento Négritude. Segundo os próprios teóricos de Fanon no Brasil, o psiquiatra negro tinha críticas em relação aos demais pensadores da Négritude, mas foi fortemente influenciado por Aimé Césaire, foi seu aluno na Martinica. Atualmente, a Fundação Frantz Fanon, fundada pela sua filha, Mireille Fanon Mèndes-France, leva o nome de Aimé Césaire como presidente honorário.

3 A versão consultada foi retirada do Portal Geledés, traduzido pelo antropólogo negro, Osmundo Pinho (2015), atualmente, professor da UFRB. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/e-nao-sou-uma-mulher-sojourner-truth/#gs.syTUwqQ>>. Acesso em: 13 nov. 2016.

período escravista, entoou a frase que seria mais tarde o título do livro da bell hooks (2014):⁴ “Ain’t I a Woman?” (Não sou eu uma mulher?). Essa retórica atravessou não somente o tempo, assim como o Atlântico, e ressoou na Costa do Marfim, tecido pelo punho de Tanella Boni (2008), como afirmado no prefácio daquela obra, “não são elas [africanas] mulheres como as outras?”⁵ Essa alusão se faz em relação às mulheres africanas às demais mulheres, que seriam aquelas às quais certos direitos civis e políticos já haviam sido salvaguardados.

No que tange à propagação da campanha dos direitos das mulheres, Angela Davis (2016), assume o discurso de classe e raça a partir de uma perspectiva ferrenha em relação às mulheres brancas estadunidenses:

Ao repetir sua pergunta, “Não sou eu uma mulher?”, nada menos do que quatro vezes, ela expunha o viés de classe e o racismo de novo no movimento de mulheres. Nem todas as mulheres brancas ou desfrutavam do conforto material da classe média e da burguesia. Sojourner Truth era negra- uma ex-escrava-, mas não era mulher do que qualquer uma de suas irmãs brancas da convenção. O fato de sua raça e de sua situação econômica serem diferentes daquelas das demais não anulava sua condição de mulher. E, como mulher negra, sua reivindicação por direitos iguais não era menos legítima do que as mulheres brancas de classe média (DAVIS, 2016, p. 73).

A intenção desta digressão não é cometer anacronismos precipitados em relação ao período vivenciado por Sojourner Truth, ressignificado mais tarde pelo feminismo negro de bell hooks (2014), mas que encontra na outra margem, pelas palavras de Tanella Boni (2014), caminhos para um pensamento diaspórico e também, contra-hegemônico, haja vista nossa proposta versa sobre uma fase da articulação pan-africanista, marcado pelo encontro de pensadores africanos e da diáspora negra, sobremaneira, martinicanos.

Como veremos adiante, apesar de se tratar de duas pensadoras e filósofas africanas, os pensamentos de Tanella Boni e Oyèrónké Oyewùmí resguardam discrepâncias, sobremaneira, ao reportar aos conceitos centrais da categoria Gênero. Talvez, o ponto mais conflituoso seja em relação a família nuclear generificada, propagada como universal pelo modelo ocidental, como ressalta Oyèrónké Oyewùmí (2004).

O esforço que se faz neste escrito é pensar nas contribuições das intelectuais negras dentro do círculo da Négritude, a partir das suas agências e protagonismos em relação aos nomes masculinos já consagrados nos estudos da literatura franco-caribenha. Sharpley-Whiting (2000), ao escrever sobre o *Pan-Noirisme* das irmãs, Paulette e Jane Nardal e seus posicionamentos em relação aos “pais” do movimento, traz à baila a afirmação contundente de Paulette: “Nós não éramos apenas mulheres — verdadeiras pioneiras — vamos dizer que

4 O livro *Ain’t I a woman: black women and feminism*, de autoria de bell hooks foi traduzido recentemente e, de forma livre e sem apoio editorial, pela “Plataforma Gueto: sem justiça não há paz”. Todas as vezes que referirmos à obra, será na versão traduzida. A opção se deu pelo apoio às ações de apoderamento do povo preto que, haja vista corroboram o racismo epistêmico enfrentado por autoria negra, sobretudo, de intelectuais negras, pois o original foi lançado no início da década de 1980 e ainda hoje persiste o silenciamento da sua produção no Brasil

5 “ne sont-elles [africaines] pas femmes autant que les autres?”, excerto retirado do prefácio da obra de Tanella Boni (2008. p. 5)

montamos o trilho para eles (Senghor, Césaire e Damas)” (NARDAL, apud SHARPLEY-WHITING, 2000, p. 10, tradução livre).⁶

NÉGRITUDE: A DIFÍCIL INTERSEÇÃO ENTRE DIÁSPORA, RAÇA E GÊNERO

Nossa incursão pela temática abordada neste escrito, seguiu o limiar das obras do martinicano, Frantz Fanon (2008 e 1968), respectivamente, *Pele Negra, Máscaras Brancas e Os Condenados da Terra*. Mais tarde, no rastro da influência que Aimé Césaire exerceu sobre os ensaios de Fanon, chegamos às seguintes obras: *Aimé Césaire: écrivain martiniquais*, uma série lançada em parceria com a revista *Présence Africaine*, em 1967 e à obra, *O Teatro Negro de Aimé Césaire*, escrito pela sua tradutora no Brasil, Lilian Pestre de Almeida (1978).

Para continuarmos nossas reflexões, faz-se necessário explicar que a *Négritude* pode ser pensada como um movimento literário, político, ideológico, mas também possui um valor semântico no *hall* dos estudos francófonos, pois foi um termo, um neologismo, forjado pelo martinicano, Aimé Césaire, na década de 1930-40.

O conceito *négritude* deve ser diferenciado do movimento da *Négritude*. Enquanto o primeiro é plural e encontra ainda hoje inúmeras definições, o movimento teve um lugar específico no tempo e no espaço, o que representava uma importante contribuição para o cânone das ciências humanas, seja para filosofia, a sociologia, a história, ou mesmo para as relações internacionais (DURÃO, 2016, p. 40).

Frantz Fanon tem sido um daqueles nomes trazidos à baila no cenário acadêmico no que se refere aos estudos pós-coloniais. Atualmente, o sociólogo Faustino Nkosi (2013 e 2015) tem se dedicado ao trabalho exegético a partir da recepção de Frantz Fanon no Brasil e, estudado como os fanonismos constituem-se áreas conflituosas e contraditórias entre o movimento negro brasileiro e a tradição da esquerda marxista.

E foi justamente a figura deste martinicano que nos chamou a atenção, particularmente, por ser o autor da tradição pan-africanista mais difundido nos círculos de militância negra brasileira, assim como, pela robustez da sua obra escrita entre os anos da sua juventude até a sua morte, aos trinta e seis anos decorrente de uma leucemia. Questionávamos sobre seus filhos, a sua possível companheira, informação raramente difundida, haja vista o autor destacara-se por analisar o quadro entre a mulher negra e o homem branco e, por conseguinte, a relação do homem negro com a mulher branca, em “*Pele Negra, Máscaras Brancas*” (FANON, 2008).

Nos poucos relances que Marie-Josèphe Dublé aparece na tese de Faustino Nkosi (2013, p. 35), é pelo epíteto de “uma francesa que conheceu em Lyon”, conforme informações que os biógrafos de Frantz Fanon reuniram. Além disso, o sociólogo continua a afirmar que Josie Fanon foi uma importante colaboradora deste psiquiatra, ajudou-o a revisar alguns ensaios e também a digitá-los. Josie Fanon é definida como uma francesa, mas não-racializada pelo autor.

6 Nardal wrote: “we are but women, real pioneers- let’s say that we blazed the trail for them”. Nesta nota, a tradução foi realizada por Gleyciane Reis

Numa entrevista concedida a Christian Filostrat, no Centro Afro-Americano da Universidade de Howard em 1978, Josie Fanon relata como conheceu Frantz Fanon e aborda fatos, principalmente, da sua relação com o martinicano, sobretudo, nos anos que se seguiram até a Revolução Argelina. Eles se conheceram em Lyon, quando ainda eram estudantes, Frantz Fanon cursava medicina à época e Josie, Artes. O que pouco ainda é dito sobre a atuação de Josie Fanon, é que ela foi uma jornalista que atuou no front pela libertação nacional argelina. E, mesmo depois da morte de Frantz Fanon, continuou a trabalhar numa revista pan-africanista, publicada mensalmente em Paris na década de 1970.

Conforme salientado por Faustino Nkosi (2013), Josie Fanon também foi responsável por organizar a coletânea de *Pour la révolution africaine* (2006). Na nota do editor, na edição consultada neste ensaio, não há referências a Josie. Mas, os textos políticos que compõem a obra são advindos do período de maior atividade da vida de Frantz Fanon, desde a publicação de *Pele Negra, Máscaras Brancas*, originalmente, publicada em 1952, até *Os Condenados da Terra*, em 1961, também ano da sua morte (FANON, 2006; 008). Esse lapso de tempo compreende, principalmente, textos inéditos, mas na sua maior parte, são publicações reunidas de diversos periódicos, sobremaneira, o *El Moudjahid*, que não são mais acessíveis e, também, porque à época, Fanon publicava anonimamente. Como sabido, durante algum tempo o martinicano exercia papel de psiquiatra do governo francês, paralelamente, às suas atividades revolucionárias pela libertação argelina.

Questionada por Christian Filostrat em relação a polêmica sobre a retirada de Jean Paul Sartre das edições posteriores ao lançamento de “Os Condenados da Terra”, Josie Fanon responde veementemente. O prefácio da obra em voga, talvez seja mais conhecido em círculos acadêmicos, pois, o racismo patenteado pela academia atribui ao francês Jean-Paul Sartre o protagonismo, afinal o autor do existencialismo é reconhecido pelos seus pares como um dos grandes arautos do século XX:

É por minha a iniciativa de afastar Jean Paul Sartre do prefácio de “Os Condenados da Terra”. Digamos que numa perspectiva ocidental, é um bom prefácio. Sartre compreendeu a proposta de “Os Condenados da Terra”. Mas em junho de 1967, quando Israel declarou guerra aos países árabes, houve um grande movimento pró-sionista para Israel entre os intelectuais ocidentais (franceses). Sartre participou neste movimento. Ele assinou as petições para Israel. Eu julguei que as atitudes pró-sionista eram incompatíveis com a obra de Fanon. (FANON, Josie: entrevista [novembro, 1978]. Entrevistador: Christian Filostrat). (tradução nossa)⁷

Outra questão instigada pelo entrevistador e, da qual Josie Fanon não titubeia na resposta, foi sua relação inter-racial com Frantz Fanon e, sobremaneira, a repercussão das críticas sofridas pelo casal, pelo seu enlace matrimonial, supostamente, não corresponder com as premissas teorizadas na obra fanoniana. Ela já havia mencionado a situação colonial

7 C'est par mon initiative que la préface de Sartre pour Les Damnés de la Terre a été enlevée. Disons que d'un point de vue occidental, c'est une bonne préface. Sartre a compris le sujet dans Les Damnés de la Terre. Mais en Juin 1967, quand Israël a déclaré la guerre aux pays arabes, il ya eu un grand mouvement pro-sioniste en faveur d'Israël parmi les occidentaux (français) intellectuels. Sartre a pris part à ce mouvement. Il a signé les pétitions favorables à Israël. J'ai jugé que ses attitudes pro-sionistes étaient incompatibles avec le travail de Fanon

e racializada da Martinica, Guadalupe e Guiana Francesa, que embora estejam na América Latina e Caribe, até hoje estão sob a égide francesa, embora tenhamos a vida de Fanon e do círculo pan-africanista, como propostas políticas para vencer o jugo da colonialidade. Ademais, o enfoque da indagação seriam os supostos rumores, não apenas por Josie tratar-se de uma francesa, mas sim, por ser uma mulher branca: ⁸

É minha opinião, e acredito que também seria o caso contrário, ele não seria contratado, nem teria permanecido neste casamento inter-racial que não havia contradição. Em suas obras, ele afirma claramente que é através de um processo revolucionário que nós podemos compreender e resolver problemas raciais. Caso contrário, vamos acabar em situações sem saídas, impossíveis de se resolver. Por exemplo, críticos podem culpar um negro americano por desposar uma mulher árabe, porque sua pele é menos escura do que a sua e assim por diante, e assim por diante. (FANON, Josie: entrevista [novembro, 1978]. Entrevistador: Christian Filostrat). (tradução nossa) ⁹

Para Almeida (1978), Aimé Césaire posiciona-se na literatura negro-africana de expressão francesa. Como corroborado pela autora, Césaire nasce juridicamente francês, entretanto, é um dos fundadores modernos na *Négritude*, saudado por André Breton, Léopold S. Senghor e Jean-Paul Sartre. Ademais, Césaire é o ponto de intersecção entre a Europa, América e África, o martinicano é herdeiro da tradição francesa shakespeariana, assim como, dos contos populares antilhanos. Está na confluência do surrealismo e da *négritude*.

Não obstante, os estudos sobre a *négritude* cingem apenas a tríade Césaire-Senghor-Damas, como “país” dessa corrente de pensamento, ainda hoje, não se abriu espaço para mulheres negras, sejam críticas — filólogas, antropólogas, sociólogas —, sejam as intelectuais negras antilhanas e africanas que também fizeram parte das discussões na Cidade Universitária de Paris, no mesmo período dos estudantes senegaleses, guianeses e martinicanos. A marfinsense Tanella Boni (2014, p. 3) indaga: “é uma coincidência que três estudantes negros de diversas origens, reuniram-se em Paris na década de trinta e tornaram-se “amigos”?”. Ainda no ensejo, por que tal movimento é pensando apenas para/pelos homens?

Segundo Gustavo Durão (2016), a vida em Paris dos antilhanos e africanos que seguiam para dar continuidade aos estudos superiores, foi marcada pelo choque de identificar-se enquanto um homem negro, mesmo sendo juridicamente francês. Além de dificuldades financeiras, enfrentadas, inclusive, por Césaire e Senghor, os “fundadores” do movimento

8 Marie-Josèphe Dublé dite «Josie», femme Blanche née française, était l'épouse de l'homme Noir (né en Martinique) Frantz Fanon. Ils se marièrent en 1953, après la sortie de *Peau noire, masques blancs*, qu'elle écrivit sous sa dictée. Josie Fanon se suicidera à Alger le 13 juillet 1989, peu après la fête d'indépendance. Depuis le balcon de son appartement du district d'El Biar, en voyant la police mitrailler les jeunes qui brûlaient des voitures durant la répression des émeutes de la faim par le FLN, elle dira à son amie Assia Djebar «Oh Frantz, les colonisés... Ça recommence !» (CREOLEWAYS, 2015).

9 C'est mon opinion, et je crois que c'était aussi le sien sinon il n'aurait ni contracté ni ne serait restée dans ce mariage interracial qu'il n'y avait aucune contradiction. Dans ses oeuvres, il affirme clairement que c'est par un procédé révolutionnaire que nous pouvons comprendre et résoudre les problèmes raciaux. Sinon, nous nous retrouvons dans des situations sans issue qui sont impossibles à résoudre. Par exemple, les critiques peuvent reprocher à un noir américain d'avoir épousé une femme arabe parce que sa peau est moins noire que le sien et ainsi de suite, et ainsi de suite.

tenham que lidar com o enfrentamento identitário e político no que tange às concepções de identidade negra, nacionalismo africano e, ainda, as teorias acadêmicas em voga, como o surrealismo e o marxismo.

Apesar de tudo isso, quando se pensa na genealogia da *Négritude*, só nomes de homens aparecem na lista, como bem ressaltado por Tanella Boni (2014, p. 71) “A história das ideias retém somente a genealogia masculina da *Négritude*. O que aconteceu? Elas escrevem, elas pensam, mas elas não são ouvidas?”.

Seria de se esperar que outros nomes, incluindo os de Paulette, Jane e Andrée Nardal, autoras, tradutoras e musicistas martinicanas. Seria de se esperar talvez o nome de Nancy Cunard, inglesa radicada na França em 1920, que em 1934 publicou uma antologia de escritores famosos, poetas e pensadores negros: “Negro: uma antologia”. Teríamos esperado, especialmente, o nome de Suzanne Roussi-Césaire, que tinha se casado com Aimé Césaire, em Paris em julho de 1937, que entre 1941-1945, publicou a maioria do seu trabalho na revista *Tropiques* (BONI, 2014, p. 69). [tradução nossa]

Suzanne Roussi-Césaire teve um papel ativo como uma das co-fundadoras da revista *Tropiques* (1941-1945) ao lado de René Mênil e do seu esposo, o poeta, escritor e político, Aimé Césaire (BONI, 2014, TORRES, 2013, SHARPLEY-WHITING, 2000). Para Torres (2013), trata-se de uma grande pensadora, cujas reflexões estão reunidas em sete artigos sobre identidades e fenômenos culturais durante a década de 1940.

Almeida (1978), demarca o pensamento de Aimé Césaire como uma tomada de consciência negro-africana. Em contrapartida, Torres (2013) destaca o contexto de efervescência cultural caribenho, haja vista as novas criações dos intelectuais, poetas, escritores, dramaturgos, consolidaram as literaturas nacionais. Suzanne segue para França para cursar filosofia em Toulouse na década de 1930. A martinicana insere-se no círculo de escritores, artistas e políticos da diáspora africana em Paris, participando ativamente das discussões e intercâmbio de ideias acerca do comunismo, do surrealismo e do movimento do Renascimento do Harlem.

Apesar de notarmos uma mulher, uma estudante ativista da Diáspora Negra, há ainda lacunas sobre a produção literária desta martinicana e, aliás, nas entrelinhas do trabalho de Torres (2013), persistem indagações inaudíveis: como uma pensadora da relevância Suzanne Roussi-Césaire passou despercebida pelos críticos do Movimento *Négritude*? Dada a sua importância como editora e co-fundadora de duas prestigiadas revistas entre as décadas de 1920 a 1940, qual a razão da sua pouca produção? E, por que parou de escrever no auge de suas reflexões?

Nas duas principais obras consultadas, sobre a trajetória de Aimé Césaire (ALMEIDA, 1978; CÉSAIRE, 1967), pouco se percebe em relação Suzanne. Na coletânea dedicada ao poeta, produzida em parceria com um periódico pan-africanista, a filósofa é descrita como uma excelente estudante martinicana, de tez clara, que Césaire conheceu na juventude, apresentada, pelo seu amigo senegalês, também considerado um dos “pais” da *Négritude*, Léopold Sédar Senghor (CÉSAIRE, 1967).

Nas referências que se seguem, Césaire é exaltado pelo seu brilhantismo, um poeta inigualável, elogiado como um dos principais intelectuais da *Négritude*, no entanto, é

comparado e mencionado sempre ao lado de Senghor, Birago Diop, Ousmane Socé e Sainville (CÉSAIRE, 1967). O nome de Suzanne é mencionado noutra nota, quando Césaire retorna como professor do Liceu Schoelcher, na Martinica, período em que é deflagrada a guerra de 1939, mas não pelo seu prenome, e sim, como a “mulher” do grande político e intelectual.

Como bem enfatizado pela marfinense Tanella Boni (2014), a cartografia da *Négritude*, produzida entre as décadas de 1920 a 1930 não é homogênea. Como interrogado pela autora: “quem são as outras personagens ofuscadas pela proximidade e/ou pela onipotência dos “pais”? E ainda segue questionando, pois a genealogia da *Négritude* é pensada tão-somente a partir dos designados “pais fundadores” (BONI, 2014, p. 62). Curiosamente, Suzanne Roussi-Césaire não publicou nenhum escrito na revista *L'Étudiant Noir* mesmo sendo uma das co-fundadoras e principais ativistas. Torres (2013), também afirma que Suzanne participava do círculo de intelectuais do “Salón Clamart”, um espaço de comunicação literário e musical que ocorria no apartamento de outras três estudantes negras e martinicanas, as irmãs Nardal (Jeanne, Paulette e André).

O Movimento *Négritude* deve, em grande medida, o seu sucesso a essas importantes pensadoras que, além da vanguarda, travavam lutas políticas para galgar notoriedade, ora no círculo pan-africanista, ora também nas discussões feministas, protagonizado pelo domínio da burguesia branca e eurocêntrica. A Paris daquele início das primeiras décadas do século XX, definitivamente, sentiu a fúria dessas intelectuais negras caribenhas, pensadoras da Diáspora, marcadamente, de expressão francófona. Segundo Torres (2013), os salões onde se reuniam essas intelectuais foram ambientes propícios ao florescimento e à difusão dos debates em torno das desigualdades de raça, assim como, de gênero e de classes na França, na África, nos Estados Unidos e no Caribe.

A voz de Suzanne Césaire, definitivamente, se une as vozes que se levantaram em um período em que se ativa a consciência da diáspora africana; se trata de uma época em que os negros de todo o mundo levantam suas vozes para reapropriar-se da sua trajetória, para recontar sua história, reestabelecer o valor da sua herança cultural e o que eles chamam de “despertar da consciência de ser negro no mundo”, desde os sofrimentos do tráfico de escravos, até os estragos da colonização e a “assimilação” (TORRES, 2013, p. 231).

Há algo por detrás da genealogia masculina que precisa ser desvelada: “a palavra *Négritude* não foi inventada fortuitamente, em língua francesa, por Aimé Césaire”, como afirma categoricamente Tanella Boni (2014, p. 63). O Movimento *Négritude* sofreu também fortes influências de pensadoras negras da Martinica, como bem ressalta Torres (2013). Em contrapartida, outra faceta desvelada por Boni (2014) é o quadro de efervescência da diáspora africana, haja vista o movimento da Renascença do Harlem repercutiu na dimensão da identidade negra, protagonizada pela tradição francófona.

Além disso, como bem ressalta Almeida (1978), a emergência dos estudos literários - de expressão negro-africana - parece auspicioso, pois se desenvolve numa profícua produção literária-poesia, romance, teatro, ensaios, dramaturgia. E, Boni (2014), corrobora essa premissa, afinal, a Paris daquela época concentrava o brio de importantes figuras, desde poetas surrealistas, filósofos, pintores, locus fecundo para o intercâmbio de ideias, também,

patenteada por intelectuais negros, sejam antilhanos, norte-americanos ou africanos, que pelo jugo colonial e/ou imperialista, migravam para as capitais europeias a fim de prosseguir no ensino superior, lê-se as elites e/ou burguesia negra.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar das dificuldades inerentes ao acesso direto às obras das intelectuais negras abordadas neste ensaio, logramos perscrutar um horizonte ainda pouco explorado, no que tange, principalmente, os estudos sobre o Movimento *Négritude* no Brasil. Os argumentos aqui pautados visam questionar a ausência de referências às contribuições femininas à *Négritude*.

Atualmente, há uma miríada fecunda no que se refere ao campo dos estudos pós-coloniais, identidade e diáspora negra, estudos sobre o Caribe, cultura e hibridismo. Mas, como definido por Sharpley-Whitting (2000), a genealogia da *Négritude* é masculinizada, seja pelos filósofos africanistas, críticos e principais componentes deste círculo, muitas vezes, a presença e contribuições das mulheres negras são minimizadas e nomeadas tão-somente a partir de Aimé Césaire e Léopold Sédar Senghor e seus, respectivos, textos fundadores do movimento.

Outra grande contribuição das intelectuais negras, sobretudo, das martinicanas, Suzanne, Paulette, Jeanne e Andrée Nardal ao Movimento *Négritude* circunscreve-se na tão proclamada intersecção entre raça, classe e gênero. Nesse baluarte, identificamos um pensamento de vanguarda que atinge às concepções do conceito gênero, patenteado pelas mulheres anglófonas e francesas, ambas advindas da burguesia branca, como um preceito universalizante e único, como bem ressalta Oyèronkẹ Oyěwùmí (2004).

Recebido para publicação em 16 de Janeiro de 2017

Aceito para publicação em 17 de Março de 2017

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Lilian Pestre. **O Teatro Negro de Aimé Césaire**. Rio de Janeiro: UFF-CEUFF, 1978.
- BONI, Tanella. **Que vivente les femmes d’Afrique**. Paris: Du Panama, 2008. (Coll. Cyclo)
- _____. Femmes em Négritude: Paulette Nardal et Suzanne Césaire. **Rue Descartes**, v. 4, n. 83, p. 62-76. 2014.
- CÉSAIRE, Aimé. **Aimé Césaire: écrivain martiniquais**. Paris: Fernand Nathan, 1967 (Littérature Africaine).
- DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- _____. **Pele negra, Máscaras Brancas**. Salvador: EdUFBA, 2008.
- _____. **Pour la révolution africaine: écrits politiques**. Paris: La Découverte, 2006.
- FAUTINO NKOSI, D. **Colonialismo, racismo e luta de classes: a atualidade de Frantz Fanon**. In: INFORMAR ORG OU ORGS. (Org.). SIMPÓSIO INTERNACIONAL LUTAS SOCIAIS NA AMÉRICA LATINA, 5. 2013. pp. 216-232.
- _____. **Por que Fanon; por que agora?** Frantz Fanon e os fanonismos no Brasil.. (Doutorado) Programa de Pós-graduação em Sociologia. Universidade de São Carlos, UFSCar, 2015.
- HOOKS, Bell. **Sem Justiça, não há paz**. Tradução: Plataforma Gueto, 2014. Tradução de: Ain’t I a Woman: black women and feminism [1980].
- OYĚWÙMÍ, Oyèronkẹ. **Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêtricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas**. Tradução: _____. African Gender Scholarship: concepts, methodologies and paradigms. CODESIA Dakar: CODESRIA, 2004. por Juliana Araújo Lopes. (Gender Series, v. 1, pp. 1-8) Tradução de: Conceptualizing Gender: the eurocentric foundations of feminist concepts and the challenge of africanepistemologies.
- _____. **Family bonds/conceptual binds: african notes on feminist epistemologies**. Tradução: Aline matos da Rocha. Signs, v. 25, n. 4, pp. 1093-1098, 2000. Feminims at a Millennium (summer)
- SHARPLEY, WHITING, Tracy. **Femme Négritude: Jane Nardal, La Dépêche africaine, and the Francophone New negro**. In: Souls, fall 2000, pp. 8-17
- TORRES, Frances J. Santiago. **Suzanne Césaire: um legado de vanguardia**. Caribbean Studies, v. 41, n. 2, pp. 227-243, Jul.-Dec., 2013,.
- CREOLEWAYS. **Josie Fanon, épouse de Frantz Fanon, fanm doubout dont on ne parle jamais**, 2015. Disponível em: <<https://www.creoleways.com/2015/04/02/josie-fanon-epouse-de-frantz-fanon-fanm-doubout-dont-on-ne-parle-jamais/>>. Acesso em: 13 nov. 2016.

FANON-DUBLÉ, **Josie. Josie Fanon-Dublé**: depoimento. Entrevistador: Christian Filostrate. Nova York: Universidade de Howard, nov. 1978 (em francês e inglês). Disponível em: <https://mailattachment.googleusercontent.com/attachment/u/0/?ui=2&ik=afe8198e67&view=att&th=1574e7f3cc6abf63&attid=0.1&disp=inline&realattid=f_itddpinr0&safe=1&zw&saddbat=>. Acesso em: 08 out. 2016.